

A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DO SER



BIS

**MILAN
KUNDERA**

Primeira Parte
O PESO E A LEVEZA

1

O eterno retorno é uma ideia misteriosa de Nietzsche que, com ela, conseguiu dificultar a vida a não poucos filósofos: pensar que, um dia, tudo o que se viveu se há-de repetir outra vez e que essa repetição se há-de repetir ainda uma e outra vez, até ao infinito! Que significado terá este mito insensato?

O mito do eterno retorno diz-nos, pela negativa, que esta vida, que há-de desaparecer de uma vez por todas para nunca mais voltar, é semelhante a uma sombra, é desprovida de peso, que, de hoje em diante e para todo o sempre, se encontra morta e que, por muito atroz, por muito bela, por muito esplêndida que seja, essa beleza, esse horror, esse esplendor não têm qualquer sentido. Não vale mais do que uma guerra qualquer do século XIV entre dois reinos africanos, embora nela tenham perecido trezentos mil negros entre suplícios indescritíveis.

Mas algo se alterará nessa guerra do século XIV entre dois reinos africanos se, no eterno retorno, se vier a repetir um número incalculável de vezes?

Sem dúvida que sim: passará a erguer-se como um bloco perdurável cuja estupidez não terá remissão.

Se a Revolução Francesa se repetisse eternamente, a historiografia francesa orgulhar-se-ia com certeza menos do seu Robespierre. Mas, como se refere a algo que nunca mais voltará, esses anos sangrentos reduzem-se hoje apenas a palavras, teorias, discussões, mais leves do que penas,

algo que já não aterroriza ninguém. Há uma enorme diferença entre um Robespierre que apareceu uma única vez na história e um Robespierre que eternamente voltasse para cortar a cabeça aos franceses.

Digamos, portanto, que a ideia do eterno retorno designa uma perspectiva em que as coisas não nos aparecem como é costume, porque nos aparecem sem a circunstância atenuante da sua fugacidade. Essa circunstância atenuante impede-nos, com efeito, de pronunciar um veredicto. Poderá condenar-se, o que é efêmero? As nuvens alaranjadas do poente iluminam tudo com o encanto da nostalgia; mesmo a guilhotina.

Não há muito, eu próprio me defrontei com o facto: parece incrível mas, ao folhear um livro sobre Hitler, comovi-me com algumas das suas fotografias; faziam-me lembrar a minha infância passada durante a guerra; diversas pessoas da minha família morreram nos campos de concentração dos nazis; mas o que eram essas mortes comparadas com uma fotografia de Hitler que me fazia lembrar um tempo perdido da minha vida, um tempo que nunca mais há-de voltar?

Esta minha reconciliação com Hitler deixa entrever a profunda perversão inerente a um mundo fundado essencialmente sobre a inexistência de retorno, porque nesse mundo tudo se encontra previamente perdoado e tudo é, portanto, clinicamente permitido.

2

Se cada segundo da nossa vida tiver de se repetir um número infinito de vezes, ficamos pregados à eternidade como Jesus Cristo à cruz. Que ideia atroz! No mundo do eterno retorno, todos os gestos têm o peso de uma insustentável responsabilidade. Era o que fazia Nietzsche dizer que a ideia do eterno retorno é o fardo mais pesado (*das schwerste Gewicht*).

Se o eterno retorno é o fardo mais pesado, então, sobre tal pano de fundo, as nossas vidas podem recortar-se em toda a sua esplêndida leveza.

Mas, na verdade, será o peso atroz e a leveza bela?

O fardo mais pesado esmaga-nos, verga-nos, comprime-nos contra o solo. Mas, na poesia amorosa de todos os séculos, a mulher sempre desejou receber o fardo do corpo masculino. Portanto, o fardo mais pesado é também, ao mesmo tempo, a imagem do momento mais intenso de realização de uma vida. Quanto mais pesado for o fardo, mais próxima da terra se encontra a nossa vida e mais real e verdadeira é.

Em contrapartida, a ausência total de fardo faz com que o ser humano se torne mais leve do que o ar, fá-lo voar, afastar-se da terra, do ser terrestre, torna-o semi-real e os seus movimentos tão livres quanto insignificantes.

Que escolher, então? O peso ou a leveza?

Foi a questão com que se debateu Parmênides, no século VI antes de Cristo. Para ele, o universo estava divi-

dido em pares de contrários: luz-sombra; espesso-fino; quente-frio; ser-não ser. Considerava que um dos pólos da contradição era positivo (o claro, o quente, o fino, o ser) e o outro, negativo. Esta divisão em pólos positivos e negativos pode parecer de uma facilidade pueril. Excepto num caso: o que é positivo: o peso ou a leveza?

Parménides respondia que o leve é positivo e o pesado, negativo. Tinha razão ou não? O problema é esse. Mas uma coisa é certa: a contradição pesado-leve é a mais misteriosa e ambígua de todas as contradições.

Há vários anos que ando a pensar em Tomas, mas só à luz destas reflexões é que o vi pela primeira vez com toda a nitidez. Vejo-o de pé, a uma janela da sua casa, a olhar fixamente para o prédio em frente do outro lado do pátio. Sem saber o que fazer.

Conhecera Tereza mais ou menos há três semanas numa cidadezinha da Boémia. Só tinham passado pouco mais de uma hora juntos. Ela acompanhara-o à estação e tinha esperado até ele entrar no comboio. Dez dias mais tarde, veio vê-lo a Praga. Fizeram amor logo no próprio dia da sua chegada. Durante a noite, Tereza ficou cheia de febre e passou uma semana inteira com gripe em casa dele.

Sentiu então um amor inexplicável por essa rapariga que mal conhecia. Parecia-lhe uma criança que alguém pusera numa cesta untada com pez e abandonara às águas de um rio para ele recolher na margem da sua cama.

Ficou uma semana em casa dele e, depois, uma vez curada, voltou para a cidade onde morava, a duzentos quilómetros de Praga. E é aqui que se situa o momento de que falei há pouco e onde vejo a chave da vida de Tomas: está de pé à janela a olhar fixamente para o prédio em frente do outro lado do pátio, e reflecte:

Deve-lhe propor que venha instalar-se em Praga? É uma responsabilidade que o apavora. Se a convida agora a vir passar uns dias a sua casa, ela virá imediatamente oferecer-lhe a vida inteira.

Ou deve renunciar? Nesse caso, Tereza continuará a ser criada numa cervejaria daquele buraco de província e nunca mais a verá.

Quer que ela venha ter consigo ou não?

Olha para o pátio, tem os olhos fixos no prédio em frente e procura uma resposta.

Volta, ainda e sempre, à imagem daquela mulher deitada no seu divã; nunca conhecera ninguém assim. Não era nem uma amante nem uma esposa. Era uma criança que tirara de uma cesta untada com pez e que poisara na margem da sua cama. Ela adormecera. Ajoelhou-se ao seu lado. O hálito febril acelerou-se e ouviu um leve gemido. Encostou o rosto ao dela e soprou algumas palavras de repouso para dentro do seu sono. Um instante depois, pareceu-lhe que a respiração de Tereza se acalmava e que o seu rosto se levantava maquinalmente em direcção ao dele. Cheirava-lhe nos lábios o cheiro um pouco acre da febre e aspirava-o como se se quisesse impregnar da intimidade do seu corpo. Pôs-se então a pensar que Tereza já lá morava em casa há muitos anos e que estava moribunda. De repente, tornou-se-lhe evidente que não sobreviveria à sua morte. Deitar-se-ia a seu lado para morrer também. Escondeu o rosto contra o dela na almofada e assim ficou por longo tempo.

Neste momento, está de pé à janela e invoca esse instante. O que seria que assim se dava a conhecer senão o amor?

Mas o amor era isso? Tinha-se convencido de que queria morrer ao lado dela, e este sentimento era manifestamente excessivo: se era só a segunda vez que a via! Não seria antes a reacção histórica de um homem que, ao aperceber-se, no seu foro íntimo, da sua incapacidade para amar, começava a representar para si próprio a comédia do amor? Ao mesmo tempo, o seu subconsciente era de tal modo cobarde que escolhia para essa comédia uma pobre criada de província que não tinha praticamente hipótese nenhuma de entrar na sua vida!

Olhava para as paredes sujas do pátio e percebia que não sabia se aquilo era histeria ou amor.

E, numa situação em que qualquer homem a sério saberia imediatamente como agir, censurava-se intimamente por hesitar e por assim privar o momento mais belo da sua vida (ajoelhado à cabeceira da rapariga, convencido de que não sobreviveria à sua morte) de todo e qualquer significado.

Censurava-se intimamente, mas acabou por pensar que, no fundo, não se saber o que se deve querer é normal:

Nunca se pode saber o que se deve querer porque só se tem uma vida que não pode ser comparada com vidas anteriores nem rectificadas em vidas posteriores.

É melhor ficar com Tereza ou ficar sozinho?

Não há forma nenhuma de se verificar qual das decisões é melhor porque não há comparação possível. Tudo se vive imediatamente pela primeira vez sem preparação. Como se um actor entrasse em cena sem nunca ter ensaiado. Mas o que vale a vida se o primeiro ensaio da vida já é a própria vida? É o que faz com que a vida pareça sempre um esquisso. Mas nem mesmo «esquisso» é a palavra certa, porque um esquisso é sempre o esboço de alguma coisa, a preparação de um quadro, enquanto o esquisso que a nossa vida é, não é esquisso de nada, é um esboço sem quadro.

Tomas repete em silêncio o provérbio alemão, *einmal ist keinmal*, uma vez não conta, uma vez é nunca. Não poder viver senão uma vida é pura e simplesmente como não viver.

Um dia, porém, num intervalo entre duas operações, uma enfermeira chamou-o ao telefone. Era Tereza. Estava a telefonar-lhe da estação. Ficou contente. Infelizmente, tinha um compromisso para essa noite e só no dia seguinte é que podia estar com ela. Mal desligou, arrependeu-se de não lhe ter dito para vir imediatamente. Ainda estava a tempo de desmarcar o outro encontro! Ficou a pensar no que faria Tereza durante as longas trinta e seis horas que faltavam até estarem um com o outro e só tinha vontade de pegar no automóvel e de pôr-se à procura dela pelas ruas da cidade.

Tereza apareceu no dia seguinte à noite. Trazia uma carteira presa a tiracolo com uma fita muito comprida e achou-a mais elegante do que da última vez. Tinha um livro na mão. *Ana Karenina* de Tolstoi. Falava com jovialidade, talvez mesmo um pouco alto de mais e esforçava-se por mostrar que tinha vindo perfeitamente por acaso, devido a uma circunstância precisa: viera a Praga por motivos profissionais, talvez (dizia-o de uma forma muito vaga) à procura de outro emprego.

Em seguida, encontraram-se, nus e cansados, deitados lado a lado no divã. Já era de noite. Perguntou-lhe onde é que estava porque podia levá-la de carro. Com um ar aflito, Tereza respondeu que ia procurar um hotel e que deixara a mala depositada na estação.

Ainda na véspera receava que, se a convidasse a vir a Praga, ela viesse oferecer-lhe a vida inteira. Agora, ao ouvi-

-la dizer que a mala estava depositada na estação, pensou que Tereza metera a vida nessa mala e que a tinha deixado depositada na estação antes de lhe oferecer.

Entrou com ela para o carro, estacionado à frente do prédio, foi à estação, levantou a mala (que era grande e pesadíssima) e levou-a para casa juntamente com Tereza.

Como conseguiu decidir-se tão depressa, depois de ter hesitado durante quase quinze dias sem lhe dar o mais pequeno sinal de vida?

O próprio Tomas se sentia admirado. Estava a ir contra todos os seus princípios. Há dez anos, quando se divorciara da primeira mulher, tinha vivido o divórcio com a mesma euforia com que outros celebram o casamento. Compreendera nessa altura que não fora feito para viver com uma mulher, fosse ela qual fosse, e que só poderia ser verdadeiramente ele próprio se vivesse sozinho. Assim, protegia a sua vida até ao mais ínfimo pormenor para que nenhuma mulher munida de uma mala pudesse um dia vir instalar-se em sua casa. Era por isso que só tinha um divã. Embora o divã fosse bastante largo, dizia sempre às amigas que era incapaz de adormecer ao lado de outra pessoa e, depois da meia-noite, levava-as sempre a casa. Aliás, da primeira vez, quando Tereza lá ficou em casa com gripe, não dormiu com ela. Passou a primeira noite num sofá e, nas seguintes, dormiu no consultório do hospital onde tinha uma *chaise-longue* para quando estava de serviço.

Desta vez, porém, adormeceu ao lado dela. De manhã, ao acordar, constatou que Tereza, ainda a dormir, lhe agarra na mão. Teriam dormido toda a noite de mão dada? Custava-lhe a acreditar. Com uma respiração muito funda, Tereza continuava a dormir, sempre agarrada à sua mão (com tanta força que não conseguia desprender-se). Ao lado da cama, a pesadíssima mala.

Não se atrevia a tirar a mão com medo de a acordar. Com mil cautelas, voltou-se de lado para poder observá-la melhor.

Mais uma vez, pensou que Tereza era uma criança que alguém pusera numa cesta untada com pezu e abandonara

às águas do rio. Pode lá deixar-se à deriva das águas furiosas de um rio a cesta onde se abriga uma criança? Se a filha do faraó não tivesse retirado das águas a cesta de Moisés, nem o Antigo Testamento nem a nossa civilização existiriam! No começo de inúmeros mitos antigos, há sempre alguém que salva uma criança abandonada. Se Políbio não tivesse recolhido Édipo, Sófocles não teria escrito a sua tragédia mais bela!

Tomas ainda não sabia que as metáforas são uma coisa perigosa. Com as metáforas não se brinca. O amor pode nascer de uma única metáfora.

Vivera pouco mais de dois anos com a primeira mulher. Tinham tido um filho. O juiz confiou a criança à mãe e condenou Tomas a dar-lhes um terço do ordenado. Ao mesmo tempo, concedeu-lhe o direito de ver o filho duas vezes por mês.

Mas sempre que o ia ver, a mãe adiava o encontro. Com certeza que se lhes tivesse comprado prendas caras, teria podido vê-lo com mais facilidade. Percebeu que tinha de pagar o amor do filho à mãe, e pagá-lo antecipadamente. Via-se mais tarde a querer ingenuamente inculcar no filho as suas ideias, diametralmente opostas às da mãe. Só de pensar nisso, ficava cansado. Num domingo em que, como de costume, a mãe desmarcara o encontro à última da hora, decidiu nunca mais ver o filho em dias da sua vida.

É evidente que ninguém estava preparado para aceitar tal raciocínio. Os seus próprios pais condenaram a atitude que tomara e declararam que se Tomas não se interessava pelo filho, também eles, pais de Tomas, deixariam de interessar-se pelo seu. Continuaram portanto a manter com a nora relações de uma ostensiva cordialidade, gabando-se a amigos e conhecidos da sua atitude exemplar e do seu alto sentido de justiça.

Num curto espaço de tempo, conseguiu, portanto, desembaraçar-se de uma mulher, de um filho, de uma mãe e de um pai. Só lhe ficara o medo das mulheres. Desejava-as, mas elas atemorizavam-no. Entre o medo e o desejo,

arranjara um compromisso; era aquilo a que chamava «amizade erótica». Dizia peremptoriamente às amantes: só uma relação expurgada de todo e qualquer sentimentalismo, só uma relação em que nenhum dos parceiros se arrogue qualquer direito especial sobre a vida e a liberdade do outro, pode fazê-los felizes a ambos.

Para se assegurar de que a amizade erótica nunca se deixaria vencer pela agressividade do amor, espaçava intencionalmente os encontros com as suas amantes permanentes. Tinha o método por perfeito e costumava apontar-lhe as vantagens, dizendo aos amigos: «Há que observar a regra dos três. A mesma mulher, num espaço de tempo muito curto, nunca mais de três vezes. Anos e anos, só se deixarmos passar pelo menos três semanas entre cada encontro.»

Este sistema dava-lhe a possibilidade de nunca romper com as amantes e de tê-las em abundância. Nem sempre era bem entendido. De todas as suas amigas, quem o entendia melhor era Sabina, uma pintora. Esta dizia-lhe: «Gosto muito de ti porque és precisamente o contrário do *kitsch*. No reino de *kitsch*, tu eras um monstro. Num filme americano ou num filme russo nunca passarias de um caso repugnante.»

Foi portanto a Sabina que pediu ajuda para arranjar trabalho em Praga para Tereza. Como exigiam as regras não escritas da amizade erótica, Sabina prometeu-lhe fazer o melhor que pudesse e, efectivamente, não tardou a descobrir um lugar no laboratório de fotografia de um semanário. Era um trabalho que não exigia qualquer espécie de qualificação mas, de qualquer forma, Tereza abandonava a cervejaria para se integrar na corporação do pessoal da imprensa. A própria Sabina foi, em pessoa, apresentá-la à redacção e Tomas ficou a pensar que nunca tivera melhor amiga.

A convenção não escrita da amizade erótica implicava que Tomas excluísse o amor da sua vida. Se transgredisse esta condição, as suas outras amantes, a partir daí numa posição subalterna, revoltar-se-iam imediatamente.

Arranjou portanto um quarto para onde Tereza teve de levar a sua pesadíssima mala. Queria tomar conta dela, protegê-la, gozar a sua presença, mas não sentia necessidade nenhuma de mudar de vida. Por isso não queria que se soubesse que ela dormia em sua casa. A partilha do sono era o corpo de delito do amor.

Com as outras mulheres nunca dormia. Quando ia a casa delas, era fácil, porque podia sair quando lhe apetecia. O caso era mais delicado quando eram elas que vinham a sua casa e lhes explicava que, depois da meia-noite, tinha de levá-las porque sofria de insónias e não conseguia dormir ao lado de outra pessoa. Esta explicação não andava longe da verdade, mas a razão principal era menos nobre e Tomas não se atrevia a confessar às companheiras que, nos momentos que se seguem ao amor, sentia um desejo imperioso de ficar sozinho. Era-lhe profundamente desagradável acordar a meio da noite ao lado de uma criatura estranha; o despertar matinal do casal causava-lhe repugnância; não tinha vontade nenhuma que o ouvissem a lavar os dentes na casa de banho e a intimidade do pequeno-almoço a dois não lhe dizia nada.

Qual não foi, pois, a sua surpresa quando, ao acordar, percebeu que Tereza lhe agarrava a mão com toda a força!

Olhava para ela sem conseguir perceber o que lhe tinha acontecido. Recordando as últimas horas, parecia-lhe que se desprendia delas o perfume de uma felicidade desconhecida.

A partir de então, ambos sentiam antecipadamente um grande prazer na partilha do sono. Sinto-me quase tentado a dizer que o que procuravam no acto sexual não era a volúpia mas o sono que se lhe segue. Sobretudo Tereza não podia dormir sem Tomas. Se ficava sozinha no estúdio (que era cada vez mais um mero álibi), não conseguia pregar olho toda a noite. Mesmo presa da maior agitação, nos braços dele, a calma acabava sempre por chegar. Tomas conta-lhe em voz baixa contos que inventava só para ela, pequenos nada, coisas tranquilizantes ou divertidas que ia repetindo num tom monocórdico. Na cabeça de Tereza as palavras transmutavam-se em visões confusas que a transportavam ao primeiro sonho. Tomas tinha um poder absoluto sobre o seu sono e Tereza adormecia sempre no exacto segundo que ele escolhera para isso.

Quando estavam a dormir, ela agarrava-o como na primeira noite: segurava-lhe com toda a força no pulso, num dedo ou no tornozelo. Quando Tomas queria afastar-se sem que ela acordasse, tinha de valer-se de uma artimanha. Desprendia o dedo (o pulso, o tornozelo), o que a fazia ficar meio acordada porque mesmo a dormir o vigiava atentamente. Para a acalmar, em vez do pulso, metia-lhe na mão um objecto qualquer (um pijama enrolado, uma pantufa, um livro) que ela passava a segurar com toda a força como se fosse uma parte do seu corpo.

Uma noite, acabara de a adormecer e Tereza encontrava-se naquela antecâmara do primeiro sono de onde ainda lhe podia dar resposta. Disse-lhe: «Bom! Agora vou-me embora. – Para onde?, perguntou ela. – Vou sair, respondeu com uma voz severa. – Vou contigo!, disse ela, pondo-se de pé em cima da cama. – Não, eu não quero. Vou-me embora e nunca mais volto», disse ele, saindo do quarto e passando para a entrada. Tereza levantou-se e seguiu-o até à entrada com os olhos a piscar. Só tinha vestida uma

camisa muito curta. Tinha o rosto imóvel, sem expressão, mas o corpo movimentava-se energicamente. Saiu de casa e fechou-lhe a porta na cara. Tereza abriu-a com um gesto brusco e seguiu-o, ainda meio a dormir, convencida que Tomas queria ir-se embora para não voltar e que tinha de retê-lo. Desceu um andar, parou no patamar e esperou por ela. Tereza foi ter com ele, agarrou-o pela mão e levou-o para a cama, para o pé dela.

Tomas pensava consigo próprio que ir para a cama com uma mulher e dormir com ela são duas paixões não só diferentes como quase contraditórias. O amor não se manifesta através do desejo de fazer amor (desejo que se aplica a um número incontável de mulheres), mas através do desejo de partilhar o sono (desejo que só se sente por uma única mulher).

A meio da noite, Tereza começou a gemer. Tomas acordou-a, mas, ao ver a sua cara, ela disse com ódio: «Vai-te embora! Vai-te embora!» Depois, contou-lhe o sonho que tivera: Estavam ambos algures com Sabina. Num quarto enorme. Havia uma cama no meio, só parecia o palco de um teatro. Tomas mandou-a ficar num canto e pôs-se a fazer amor com Sabina à frente dela. Ela olhava e o espectáculo causava-lhe um sofrimento insuportável. Para abafar a dor da alma com a dor física, pôs-se a enfiar agulhas por baixo das unhas. «Doía-me horrivelmente!», disse, com os punhos fechados como se realmente tivesse as mãos magoadas.

Abraçou-a e assim, muito devagar (porque Tereza não parava de tremer), ela voltou a adormecer.

No dia seguinte, ao pensar no sonho, lembrou-se de uma coisa. Abriu a secretária e tirou um maço de cartas de Sabina. Pouco depois, deparou com a seguinte passagem: «Quería fazer amor contigo no meu *atelier* como se fosse o palco de um teatro. Estaria gente em toda a volta e ninguém teria o direito de se aproximar. Mas não conseguiriam despregar os olhos de nós...»

O pior era que a carta tinha data. Era uma carta recente, escrita numa altura em que Tereza vivia com Tomas já há bastante tempo.

Ralhou-lhe: «Andaste a vasculhar nas minhas cartas!»

Sem procurar desmenti-lo, ela disse: «Pois andei! Então porque é que não me pões na rua?»

Mas Tomas não a pôs na rua. Via-a era a enfiar as agulhas debaixo das unhas, encostada à parede do *atelier* de Sabina. Pegou-lhe nos dedos, fez-lhes festas, levou-os aos lábios e beijou-os como se tivessem marcas de sangue.

A partir desse momento, tudo parecia conspirar contra ele. Não se passava praticamente um dia sem que lhe chegasse mais uma novidade sobre os seus amores clandestinos.

Primeiro, negava tudo. Quando as provas eram evidentes de mais, tentava demonstrar que não havia contradição nenhuma entre a sua vida de polígamo e o seu amor por ela. Não era nada coerente: umas vezes, negava as infidelidades, outras, justificava-as.

Um dia, estava a marcar um encontro pelo telefone com uma amiga e quando desligou pareceu-lhe ouvir um barulho esquisito na outra divisão, o barulho de dentes a bater.

Tereza viera a casa por acaso e ele não dera por isso. Tinha um frasco de calmante na mão e, como estava a beber pelo gargalo e a mão lhe tremia, o vidro batia-lhe contra os dentes.

Correu para ela como se fosse salvá-la de morrer afogada. O frasco de valeriana caiu, fazendo uma grande nódoa na carpete. Tereza debatia-se, queria escapar-lhe. Teve de mantê-la durante um quarto de hora numa espécie de colete-de-forças até que se acalmou.

Sabia que se encontrava numa situação injustificável porque baseada numa desigualdade absoluta.

Muito antes de Tereza ter descoberto a sua correspondência com Sabina, tinham ido a um cabaré com alguns amigos festejar o novo emprego de Tereza. Deixara o laboratório de fotografia porque a revista a aceitara como fotógrafa. Como Tomas não gostava de dançar, um dos seus colegas mais novos do hospital convidara Tereza. Deslizavam ambos sobre a pista e Tereza estava mais bonita do que nunca. Estupefacto, via com que precisão e com que docilidade ela adivinhava uma fracção de segundo antes a vontade do seu par. Tal forma de dançar parecia proclamar que a sua devoção, aquele seu ardente desejo de fazer o que

lhe lia nos olhos, não estava necessariamente ligado à pessoa de Tomas e que podia perfeitamente ter respondido ao apelo de outro homem qualquer que lhe tivesse aparecido em seu lugar. Nada mais fácil do que imaginar Tereza e o seu jovem colega como amantes. Era mesmo a facilidade com que o imaginava que mais o feria. O corpo de Tereza era perfeitamente imaginável unido a qualquer outro corpo masculino. A ideia pô-lo maldisposto. Noite dentro, quando voltaram, confessou-lhe que tinha ciúmes.

Estes ciúmes absurdos, causados por uma possibilidade absolutamente teórica, eram a prova de que a fidelidade dela era para ele um princípio intangível. Como censurá-la então por ter ciúmes das suas amantes mais do que reais?

De dia esforçava-se (mas, de facto, não conseguia) por acreditar no que Tomas dizia e por mostrar-se alegre como sempre fora. Mas os ciúmes, contidos durante o dia, manifestavam-se ainda mais violentamente nos sonhos que tinha e que acabavam sempre num gemido que Tomas só conseguia interromper se a acordasse.

Os sonhos repetiam-se como temas com variações ou como episódios de uma telenovela. Sonhava, por exemplo, muitas vezes, com gatos a saltarem-lhe para a cara e a cravarem-lhe as garras na pele. Na verdade, este sonho tem uma explicação óbvia: é que em calão checo, quando se quer falar de uma rapariga jeitosa, diz-se «gato». Tereza sentia-se ameaçada pelas mulheres, por todas as mulheres. Todas as mulheres eram amantes potenciais de Tomas e ela tinha medo delas.

Num outro ciclo de sonhos, era condenada à morte. Numa noite em que acordara a gritar de terror, contou-lhe o seguinte sonho: «Havia uma grande piscina coberta. Éramos mais ou menos vinte. Só mulheres. Estávamos todas completamente nuas e tínhamos de marchar a passo à volta da água. Havia uma cesta pendurada no tecto e estava um homem lá dentro. Tinha um chapéu de abas largas que lhe escondiam a cara, mas eu sabia que eras tu. Davas-nos ordens. Gritavas. Tínhamos que desfilarmos a cantar e a flectir os joelhos. Quando uma das mulheres não fazia bem a flexão, tu disparavas a pistola e ela caía morta na água. Nesse

momento, as outras desatavam todas a rir e punham-se a cantar ainda mais alto. E tu, tu não tiravas os olhos de nós; se alguma fazia um movimento de través, abatia-la imediatamente. A água estava cheia de cadáveres a flutuar. E eu, eu sabia que já não tinha forças para fazer a flexão seguinte e que tu me ias matar!»

O terceiro ciclo de sonhos contava o que lhe acontecia depois de morrer.

Estava deitada num carro funerário tão grande como um camião de mudanças. À sua volta, só cadáveres de mulheres. Havia tantos que era preciso deixar a porta de trás aberta e algumas pernas de fora.

Tereza pôs-se a gritar: «Olhem para mim! Eu não estou morta! Ainda sinto tudo!

– Também nós sentimos tudo», diziam os cadáveres, entre risinhos.

Tinham exactamente a mesma maneira de rir que as mulheres vivas que dantes se divertiam a dizer-lhe que era perfeitamente normal que um dia também tivesse os dentes estragados, doenças nos ovários e rugas, visto que elas também tinham os dentes estragados, doenças nos ovários e rugas. E agora, com o mesmo riso, explicavam-lhe que estava morta e que isso era a ordem natural das coisas!

De repente, teve vontade de fazer chichi. Gritou: «Mas se eu tenho vontade de fazer chichi! Isso é a prova de que não estou morta!»

Desataram outra vez a rir às gargalhadas: «Ter vontade de fazer chichi é normal! Ainda vais sentir tudo durante muito tempo. É como as pessoas a quem amputaram uma mão e que ainda a sentem muito tempo depois. Nós, nós já não temos urina mas continuamos a ter vontade de mijar.»

Deitada na cama, Tereza chegava-se para junto de Tomas, dizendo: «E tratavam-me todas por tu, como se me conhecessem desde sempre, como se fossem minhas amigas, e eu tinha medo de ser obrigada a ficar com elas para sempre!»

Em todas as línguas derivadas do latim, a palavra *compaixão* forma-se com o prefixo «com» e a raiz «passio» que, na sua origem, significa sofrimento. Noutras línguas, como, por exemplo, em checo, em polaco, em alemão, em sueco, a palavra traduz-se por um substantivo formado por um prefixo equivalente seguido da palavra «sentimento» (em checo: *sou-cit*: em polaco: *wspol-czucie*: em alemão: *Mitgefühl*; em sueco: *med-känsla*).

Nas línguas derivadas do latim, a palavra *compaixão* significa que ninguém pode ficar indiferente ao sofrimento de outrem; ou, de outra maneira: sente-se sempre simpatia por quem sofre. Outra palavra que tem mais ou menos o mesmo sentido, e que é *piedade* (em inglês *pity*, em italiano *pietà*, etc.), chega até a sugerir uma espécie de indulgência para com o ser que sofre. Ter *piedade* de uma mulher é sermos mais favorecidos do que ela, é inclinarmo-nos, baixarmo-nos até ela.

Por isso é que a palavra *compaixão* inspira geralmente uma certa desconfiança; designa um sentimento considerado como de segunda ordem e que não tem grande coisa a ver com o amor. Amar alguém por *compaixão* é de facto não amar essa pessoa.

Nas línguas em que a palavra *compaixão* não se forma com a raiz «passio = sofrimento» mas com o substantivo «sentimento», a palavra é empregue mais ou menos no mesmo sentido, mas dificilmente se pode dizer que designa

um sentimento mau ou medíocre. A força secreta da sua etimologia banha a palavra de uma outra luz e dá-lhe um sentido mais lato: ter compaixão (co-sentimento) é poder viver com o outro não só a sua infelicidade mas sentir também todos os seus outros sentimentos: alegria, angústia, felicidade, dor. Esta compaixão (no sentido de *soucit*, *wspolczucie*, *Mitgefühl*, *medkänsla*) designa, portanto, a mais alta capacidade de imaginação afectiva, ou seja, a arte da telepatia das emoções. Na hierarquia dos sentimentos, é o sentimento supremo.

Sonhando que estava a enfiar agulhas por baixo das unhas, Tereza traía-se a si própria porque revelava a Tomas que mexia às escondidas nas suas gavetas. Se fosse outra mulher, nunca mais lhe dirigiria palavra. Consciente disso, Tereza dissera-lhe: «Põe-me na rua!» Ora, ele não só não a tinha posto na rua como lhe pegara na mão e lhe beijara a ponta dos dedos, já que, nesse momento, sentia a mesma dor que ela por baixo das unhas, como se os dedos de Tereza estivessem directamente ligados ao seu cérebro.

Aquele que não possui o dom diabólico da compaixão (co-sentimento) não pode senão condenar friamente o comportamento de Tereza, porque a vida privada do outro é sagrada e não se devem abrir as gavetas onde ele guarda a sua correspondência pessoal. Mas como a compaixão se tornara o destino (ou a maldição) de Tomas, parecia-lhe que fora ele que se ajoelhara em frente da gaveta da secretária e ficara hipnotizado pelas frases escritas pela mão de Sabina. Compreendia Tereza e não só era incapaz de querer-lhe mal como o seu gesto o fazia amá-la ainda mais.

UM LIVRO
EXTRAORDINÁRIO
E SEGURAMENTE
UM DOS ROMANCES
MÍTICOS DO SÉCULO XX,
UMA DAQUELAS OBRAS
RARAS QUE ALTERAM O
MODO COMO TODA UMA
GERAÇÃO OBSERVA O
MUNDÓ QUE A RODEIA.

Romancista e ensaísta, Milan Kundera nasceu em Brno, na República Checa, em 1929. Após a publicação de *A Brincadeira* (1967), que lhe conferiu uma notoriedade imediata, e de *O Livro dos Amores Risíveis* (1969)

(Prémio da União dos Escritores Checoslovacos), é vítima da repressão soviética a seguir ao esmagamento da Primavera de Praga. Os seus livros são interditos, é proibido de trabalhar e perde o direito de publicar.

Em 1975, foge para Paris, onde vive desde então, tornando-se cidadão francês em 1981, após lhe ter sido retirada a nacionalidade checoslovaca, como consequência da publicação em França de *O Livro do Riso e do Esquecimento*. Toda a sua obra está traduzida em Portugal. Entre outros prémios, Milan Kundera recebeu, pelo conjunto da sua obra, o Commom Wealth Award (1981), o Prémio Jerusalém (1985) e o Prémio Nacional de Literatura da República Checa (2007). *A Insustentável Leveza do Ser* foi adaptada ao cinema em 1988 por Philip Kaufman e protagonizada por Daniel Day-Lewis e Juliette Binoche.



ISBN: 978-989-660-062-4



9 789896 600624